

Brincar é coisa séria



Pais e mães, hoje em dia, passam grande parte do tempo tentando ganhar dinheiro. Independente de classe social, muitos se preocupam em prover as necessidades materiais da família. Trabalhando em ritmo intenso, também desejam usufruir do direito ao lazer e à diversão. E em meio a tudo isto, muitas vezes esses mesmos pais se esquecem ou, pelo menos, deixam um pouco de lado, o grande compromisso espiritual que é a educação dos filhos.

Pessoalmente, creio até que falte a muitos uma noção clara do que significa educar e de como funciona.

Educar não consiste apenas em transmitir oralmente valores e em pagar um bom colégio, repreendendo e punindo quando parece necessário. A educação pede proximidade afetiva, possibilidade de diálogo e acompanhamento cuidadoso do desenvolvimento do educando. Para Kerschensteiner (1), educar é um ato de amor.

Através de um exercício amoroso, uma consciência influi sobre outra para desenvolvê-la. Então, educar é muito mais que simplesmente transmitir idéias, é despertar no educando a vontade de se aperfeiçoar. E fazer isto tendo como base o amor, que é um sentimento altruísta, isto é, voltado ao bem do outro, em lugar do egoísmo que tudo busca acomodar aos seus propósitos.

Não educamos apenas quando dizemos o certo e o errado mas, e especialmente, no tempo da convivência dedicado aos passeios, às conversas, às tarefas domésticas feitas em conjunto, às brincadeiras e jogos.

Educamos quando contamos uma história, que pode ser de nossa família ou da cidade de onde viemos ou, mesmo, de um livro.

Por falar em jogos e brincadeiras, conversando com pais um destes dias, nós nos recordávamos do prazer de aprender brincadeiras com os nossos pais, mães e avós. Projetar sombras na parede usando uma lanterna, treinar a destreza com as "cinco marias" (saquinhos de tecido cheios de arroz), empinar pipa, rodar pião e muitas outras, eram brincadeiras simples que nos entretinham por longo tempo, com uma vantagem sobre o videogame e os jogos da internet: a vantagem de que eles não nos isolam do grupo familiar, não nos absorvem durante horas, mas são jogados em grupo, entre risos e desafios. Também numa certa idade, ajudar a escolher o feijão e a estender a roupa no varal ainda é muito interessante. Depois que crescemos, esses afazeres viram rotina sem graça mas, durante um certo tempo, são aspectos interessantíssimos da vida dos adultos de que as crianças, quando têm chance de participar, sentem-se valorizadas.

Educamos quando nos permitimos conhecer: nossos pensamentos, nossas opiniões, nossos gostos, nossos sentimentos. Sendo o exemplo, o principal veículo que temos, como vamos educar se nossos filhos pouco nos vêem e mal nos conhecem?

(autora: Rita Foelker - www.edicoesgil.com.br)

Nota: (1) Citado por Herculano Pires em "Pedagogia Espírita", Ed. Paidéia.